



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## INTERLÚDIO AO SAGRADO: ENIGMAS, DILEMAS E MISTÉRIOS NA GRAMÁTICA DO CONGADO EM MINAS GERAIS

Taís Diniz Garone

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na

Pesquisa – CNPq/UnB

[taisgarone@gmail.com](mailto:taisgarone@gmail.com)

### 1-Apresentação

O congado faz parte do conjunto de práticas do catolicismo popular, além de ser reconhecido como uma das mais antigas manifestações de matriz africana documentadas no Brasil. Também conhecido como congada, reinado ou irmandade é exemplo ímpar da riqueza cultural brasileira, possibilitada pela “convivência” no mesmo contexto de diversas tradições, como os elementos míticos da cosmovisão africana e a religiosidade do catolicismo popular ibero-americano.

Em linhas bastante gerais é possível descrevê-lo como um culto afro mariano de devoção a Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros e dos escravos, composto por um trono coroado e seu séquito – as chamadas *guardas*, *ternos*, *batalhões*, *bandas*. No âmbito da manifestação, outros santos católicos são cultuados como São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora da Conceição..., além da presença, por vezes velada, dos orixás e entidades da umbanda.

Inscrito rol das *danças dramáticas* (Andrade, 1982a), possui um extenso e variado ciclo religioso, e suas festividades são marcadas pelo colorido, exuberância, vitalidade das performances e ritmo compassado dos tambores. Em cortejo, ocupam as ruas da cidade, quebrando a monotonia e deixando forte impressão entre os passantes, sobretudo os mais desavisados que “repentinamente” se veem obrigados a interromper movimentos costumeiros para dar passagem aos batalhões de homens e mulheres de tez escura, jovens, adultos, crianças, idosos. Uns vestidos à “baiana”, outros trajando uniformes navais, juntos a bailar, cantar e dançar pelas ruas mais movimentadas da cidade. Dentro dos carros, há sempre a presença de motoristas irritados. Já não são mais os donos da rua! É tempo do governo dos Reis de Congo, quando cidade é “tomada de assalto” pelas gentes e objetos da periferia, num misto de euforia, fé religiosa e suntuosidade dos representantes de tão nobre e misteriosa fidalguia.

Numa primeira vista, a multiplicidade de gestos, ritmos e adereços chegam a deixar certa impressão de tumulto quase carnavalesco. Mas, num segundo momento,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sob um olhar mais atento, o que parecia confuso e disforme revela-se composto de formas, cadências e ritmos bastante específicos. Em cortejo, a multidão enfileirada se mostra disposta em alas de cores, sonoridades e ornamentos que evidenciam a existência dos grupos e suas feições particulares. Do mesmo modo que a presença de artefatos e formas de atuação recursivas nos dá “pistas” da existência de tipos característicos e especializados de performances e, em meio à pluralidade, personagens, objetos e funções individualizadas a se desdobrarem em inúmeras e complexas formas de *administração do sagrado* (Caillois, 1988).

Dentre a diversidade de feições e multiplicidade dos seus elementos constitutivos, destaca-se a performance teatralizada que redesenha o circuito atlântico do tráfico negreiro, a tragédia da escravidão e o papel de Nossa Senhora do Rosário na luta contra o cativo e conquista da liberdade.

No âmbito do congado, o município de Sete Lagoas figura como um importante reduto dessa tradição, em um Estado, Minas Gerais, que tem destaque pela presença dessa manifestação religiosa. Em Sete Lagoas a prática congadeira é antiga e bastante difundida, ostentando em seu histórico nomes de grandes figuras do presente e do passado, como a saudosa Cecília Alves Gomes (mais carinhosamente conhecida entre os congadeiros como *Cecília Preta*, coroada, em 1985, Rainha Conga do Estado Maior de Minas Gerais), Manoel Francisco, (o *Seu Manel*, Capitão de Moçambique que há mais de 40 anos realiza uma grande festa em sua comunidade, o *Beco dos Repolhos*, chegando a reunir mais de 30 ternos da região), dentre vários outros grandes nomes de um panteão de cultores, mestres e mestras da cultura afro-brasileira que qualquer cidade ou país do mundo se orgulharia de apresentar.

Existem atualmente cerca de vinte e cinco guardas no município, sendo o levantamento da bandeira de Santa Helena o evento de maior envergadura do congado setelagoano. Esquemáticamente, podemos dizer que este ritual se divide em três partes: a procissão da bandeira, a apresentação das embaixadas e o levantamento do mastro.

A recitação das embaixadas ocorre logo após a procissão da bandeira, caracterizando-se como uma encenação dramática protagonizada pelo capitão regente do congo, "embaixador do grupo". Embora atualmente as embaixadas não sejam observadas em todos os lugares onde encontramos manifesto o congado, sua prática foi registrada por renomados folcloristas brasileiros, o que faz do congado setelagoano um caso privilegiado para o estudo desses entrecos dramáticos<sup>1</sup>. Nos raros congados que ainda mantêm essa tradição, costumam versar sobre a chegada do batalhão em um reino

---

1 Ver: Andrade, Mário de. 1982b; Carneiro, Edison. 1965; Cascudo, Luís da Câmara. 197; Martins, Saul. 1986.



distante e suas relações de hostilidade e amizade com o séquito do reino estranho onde se encontram. Ao mesmo tempo em que se constituem como uma louvação ao sagrado, mesmo que ganhem um contorno dialógico.

Tomando o campo empírico como campo de experimentação conceitual (Perlongher, 1987), recortei seis embaixadas proferidas na festa dos anos de 2003 e 2004 que versavam sobre um mesmo tema para uma análise estrutural, aproveitando as possibilidades teóricas que advinham dos meus registros etnográficos. Entendendo também como Geertz que o empreendimento analítico “parte do tateio desajeitado pela compreensão mais elementar” (1978, p.35) e aplicando o exercício de análise estruturalista “como se fosse um jogo” (Lévi-Strauss, 1967, p.249), analisei as seis embaixadas como se fossem “mitos”, seguindo os passos apontados por Lévi-Strauss (1967) em *Estrutura dos Mitos* e submetendo-as, como sugerido, a experimentos e hipóteses para revelar possíveis relações lógicas de identidade e diferença que as estruturam.

Segundo Lévi-Strauss o caráter mais impressionante dos mitos, a despeito do contexto particular onde o encontramos manifesto e da sua aparente arbitrariedade, é que eles sempre “se reproduzem com os mesmo caracteres e segundo os mesmos detalhes, nas diversas regiões do mundo” (1967, p.239). Para este autor, isto ocorre porque os mitos, sendo fatos da linguagem, se definem por um sistema temporal que combina propriedades de dois outros sistemas temporais. Ou seja, um mito diz sempre respeito a acontecimentos passados, “mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente” que se relaciona simultaneamente ao passado, futuro e presente (1967, p.241).

Assim sendo, “essa dupla estrutura, ao mesmo tempo histórica e não histórica, explica porque o mito pode pertencer, simultaneamente, ao domínio da palavra (e ser analisado como tal) e ao domínio da língua (na qual ele é formulado)” (1967, p.241). Se bem que, para Lévi-Strauss, o mito estaria muito mais próximo da língua (paradigma/ coordenadas explicativas/feixes de relações) que da fala (sintagma/elementos/seqüência). O que Lévi-Strauss parece querer nos enfatizar é que se os mitos têm um sentido, este não se restringe aos elementos isolados que entram na sua composição, mas deve ser buscado na maneira em tais elementos se encontram combinados entre si. Essa combinação Lévi-Strauss chamou de “feixes de relações” o que, para muito além da idiosincrasia dos termos envolvidos na composição, podem e devem ser interpretados como a expressão de seu conteúdo lógico universal.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Dito de outro modo, na perspectiva de Lévi-Strauss todo mito coloca um problema insolúvel e tenta resolvê-lo por meio de um sistema de operações lógicas. Assim, na busca pela “verdade do mito” – as suas relações lógicas–, o pensador francês se propõe a analisar suas propriedades formais, operações lógicas e estruturas inconscientes, buscando no nível estrutural encontrar as operações mentais de oposição e correlação que tecem a rede de articulações lógicas que fundamentam o mito e o pensamento mítico (1967, p.231). É essa rede de relações e de articulações lógicas que dá valor e significado aos elementos que a constitui, de acordo com suas posições relativas. Mas nem por isso ela não constitui uma realidade, pelo contrário, é o modelo *fundante* do objeto (Rodrigues, 1980, p.26).

Seguindo as combinações dos feixes de relações, ordenando os mitemas da embaixada em série, foi possível montar um sistema bem próximo àquele que faz Lévi-Strauss sobre o mito Zuni, cada elemento sendo a mediação entre uma oposição anterior entre dois elementos. Segue no quadro abaixo o resultado da minha busca pela gramática da estrutura profunda da embaixada, no qual, um pouco diferente do quadro levistraussiano, as linhas representam as versões, as colunas as sucessões de acontecimentos relacionados entre si. Explicar-se-á o quadro coluna por coluna, visando “penetrar” no “código” da embaixada, numa tentativa de desvelar-lhe o enigma, percorrendo sobre os mistérios, dilemas, contradições e utopias que encerram.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## 2-QUADRO DAS EMBAIXADAS

Evocação	Invocação	1º cena – Casa Santa	Instauração do Conflito	Cordão, São Pedro e São João	Marechal	Consagração da Santa	Saudação à comunidade de fé
Ó minha Virgem Senhora Santa Helena!	Eu venho, mas não venho contra vós. Viemos trazendo este batalhão.	Fui visitar a Casa Santa, e vi Nossa Senhora da Conceição com três raminhos na mão.	Eu pedi a ela um galhinho. E ela disse que não.	Ó São Pedro e São João! Desatai este cordão, que a Virgem Maria colocou com a vossa pura e sagrada mão.	<i>Assuba</i> por uma escada real e diga para o nosso marechal: que eu vi céu, vi mar, mas não vi terra. Com uma espada veloz, os meus braços foram feridos, o meu sangue foi derramado.	Mas a bandeira foi defendida. Ó fidalgo cavalheiro, ativa o seu cavalo com tanta galanteria. É um Rei soberano e alegre e cantando o hino de alegria, dizendo a todos que viva o santo rosário de Maria!	Viva Santa Helena!
Rei Senhor e Rainha Senhora!	Venho em vosso reino, não venho contra vós. Vim te apresentar este batalhão Que neste batalhão trago o sinal da Virgem Maria.	Fui à casa Santa, visitar Virgem Maria da Conceição. Cheguei lá encontrei ela com três raminhos na mão.	Pedi ela um pra mim, ela me disse que não.	Tornei a pedir, e ela me disse: eis aqui São Pedro e São João, quem venham desatar esse nó que a Virgem Maria atou na sua mão.	Diz ela: subam marinheiros por essa escada real, e diz ao Marechal: essa espada foi veloz, os meus braços foram feridos	Mas essa Santa eu defendo com todo esse pessoal dizendo: que viva o Rosário de Maria!	Viva Santa Helena!



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## 2-QUADRO DAS EMBAIXADAS

Evocação	Invocação	1º cena – Casa Santa	Instauração do Conflito	Cordão, São Pedro e São João	Marechal	Consagração da Santa	Saudação à comunidade de fé
Oh minha Gloriosa Santa Helena! Eleita e estimada pela Santíssima Trindade, minha mãe, É bela, a mais bela saudação.	Ô pai, ô filho amado. Me acompanha nestes festejos. Minha amada, não venho contra vós. Cada vez dizia minha mãe 'O perdão me cai no coração Ô sol sem manchas Ô luar do pensamento	Nesta Casa Santa eu cheguei, visitei este povo. Este povo rezava um terço à mãe do Salvador.	Encontrei Santa Helena com três galinhos de arruda na mão Pedi Santa Helena um galinho ela me disse que não.	Tornei a pedir. Ela me deu um cordão. Ó Santa Helena, agradecei este cordão que vós me entregou com a sua própria mão e assim seja.	Suba meus marinhos, suba por essa escada real Diga a nosso marechal Que essa espada foi veloz Meus braços foram feridos, meu sangue foi derramado.	Mas a gloriosa Santa Helena Foi defendida Na beira do mar eu cheguei grande perfume encontrei.	É com Santa Helena e com nós todos estarei!
Ó Gloriosa Santa Helena!	Abençoi estes seus filhos da Virgem Maria.	Eu fui a casa Santa. Fui a visitar São João. Lá encontrei Nossa Senhora com seu raminho na mão.	Pedi ela um, ela disse que não Caminhei em perto dela e tornei a pedir ela disse me deu seu não!	São Pedro e São João desata esse cordão com a sua virgem taça, com a sua sagrada mão.	Assuba por essa escada real Vá lá e diga para o nosso marechal Que eu vi céu vi água mas não vi terra Os meus braços	Mas a santa foi defendida .	Viva Santa Helena Viva todo o povo que está aqui!



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## 2-QUADRO DAS EMBAIXADAS

Evocação	Invocação	1º cena – Casa Santa	Instauração do Conflito	Cordão, São Pedro e São João	Marechal	Consagração da Santa	Saudação à comunidade de fé
					foram feridos O meu sangue foi derramado.		
É muito bela, minha Santa Helena, confessora dos pecadores.	Abençoi estes cristãos, que são filhos da virgem Maria, eles são criador.	Fui à casa santa, fui visitar São João. Encontrei Nossa Senhora com três raminhos na mão.	Pedi ela um, ela disse que não	Tornei a pedir e ela me deu o seu cordão. São Pedro e São João, desatai esse cordão, que a Virgem atou com a sua sagrada mão.	Assuba por essa escada real, vai e diga ao nosso marechal, que eu vi céu, e vi mar, mas eu não vi terra. Os meus braços foram feridos, o meu sangue foi derramado.	Mas a santa foi defendida. Ó fidalgos cavaleiros, nos ativa seu cavalo, com tanta galanteria, dizendo a todos que viva o santo rosário de Maria!	Viva Santa Helena! Viva Santa Helena! Viva a Santa Cruz!
Ó Gloriosa Santa Helena! Muito lindo é o céu onde mora a Virgem Pura. Sem sua proteção não veríamos tal formosura Vestida de branco, ela apareceu, trazendo na cinta as cores do céu. Trazendo nos pés um ramo de rosas azuis	No céu tanto festejo, na terra tanta alegria. Quero que todos digam: Viva o Sto Rosário de Maria! Viva Sta Helena! Viva N.S. do Rosário! Viva o Divino Espírito Santo! Viva os pretos velhos da praia	Na beira do mar cheguei, um grande perfume. Encontrei Nossa Senhora. com três raminhos na mão.	Pedi ela um galhinho, ela me disse que não.	Ô São Pedro! Ó São João! Desatai esse cordão que a Virgem Santíssima atou com a sua sagrada mão.	Fui pra atravessar o mar. O mar era cheio e a maré era brava.	Três dias depois Reflorestei os três recantos da igreja.	E a disse: 'Viva rei, viva rainha, viva príncipe, viva princesa, e viva a função dos marinheiros.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## 2-QUADRO DAS EMBAIXADAS

<b>Evocação</b>	<b>Invocação</b>	<b>1º cena – Casa Santa</b>	<b>Instauração do Conflito</b>	<b>Cordão, São Pedro e São João</b>	<b>Marechal</b>	<b>Consagração da Santa</b>	<b>Saudação à comunidade de fé</b>
que os anjos do céu cultivam.	do mar. Viva toda a veneração do Sto Rosário de Maria!						



### **3-Análise das Embaixadas**

#### **Evocação**

Silenciam-se os instrumentos. É chamado o sagrado. Faz-se a saudação ao celestial para a aparição do desconhecido, do mistério, do místico. O Capitão Regente se dirige ao sagrado, influxo de adoração e devoção. O trecho dramático é aqui todo ele um diálogo do Capitão com Santa Helena, apresentada pela voz daquele, anunciando defronte à Capela a presença da Santa dentro do ato dramático que encena com devoção. Na medida em que se remete a Santa Helena como interlocutora do batalhão, inaugura sua presença dialógica, tornando-se, pois, arauto da divindade.

#### **Invocação**

Depois de evocado o sagrado, cabe evocar-se a si mesmo. Após apresentar a Santa, o Capitão se apresenta e posiciona seu batalhão. Com espada em punho, demonstra disposição para a guerra, mas pela paz e reconciliação – *não viemos contra vós*. Mesmo nas embaixadas onde falta esse trecho que remete diretamente à figura do interlocutor, ele se faz presente como agente da ação da cena subsequente.

#### **1º Cena– Casa Santa**

Começa então a história que a embaixada conta. Na caracterização desta cena está a Casa Santa, onde antevemos São Pedro, São João e, por último, Nossa Senhora com três *raminhos* na mão. Vale destacar que nessa tríade sagrada formada por importantes santos do catolicismo popular, Nossa Senhora assume lugar de destaque, como não poderia deixar de ser em um culto mariano, estando o feminino, uno, na parte superior, e o masculino na base, com dois santos de mesma estatura. Em algumas embaixadas, a desigualdade entre as personagens é reforçada pelo número dos *raminhos*, principal adereço da cena e objeto de desejo do batalhão de negros marinheiros. São três os *raminhos* que carrega Nossa Senhora, e não um.

#### **A Instauração do Conflito (Oposição Lógica Sim/Não)**

O capitão pede a Nossa Senhora um *raminho*, símbolo de vida, esperança, fé na libertação, mas tem seu pedido negado. É exatamente neste momento da trama que assistimos à verbalização do impasse, do conflito, da oposição de interesses, do antagonismo entre brancos e negros. À divindade dos brancos os negros clamam por libertação, pois Nossa Senhora é boa e misericordiosa, mas recebem uma resposta negativa.



Intrigado e não convencido de todo da resposta negativa da Santa, o Capitão insiste, torna a pedir à Santa o *raminho*, advoga a favor dos seus. Acredita na possibilidade do consenso, da conversão da Santa à sua causa, da inversão de valores, da libertação e da paz. Duvida da certeza do não. Por isso adia o confronto, a guerra. Aqui a relação é de oposição lógica entre o sim e o não.

### **Cordão, São Pedro e São João (Conflito Mediado)**

O capitão do batalhão é firme, insiste em seu pedido, adverte que não vêm contra Nossa Senhora, pelo contrário, confia e adora. Mas precisa da certeza do sim – ou do não –, sair do impasse, tomar providências...

A Virgem Mãe então lhe apresenta um cordão com um nó, índice e representação concreta, substantiva, do conflito, da oposição de interesses, do antagonismo entre brancos e negros. Ao mesmo tempo em que abre espaço para manipulação do cordão, para produção de novas sínteses e reinvenção das lealdades. É exatamente neste momento da trama que São Pedro e São João são convocados para desatar o nó.

Destaca-se aqui que ao mesmo tempo em que este trecho da embaixada nos revela o impasse, isto é, a tomada de consciência da existência de oposições irresolúveis entre brancos e negros, procura solucionar o conflito por meio de figuras de mediação. Assim, Nossa Senhora, através de São Pedro e São João, resolve simbolicamente a contradição – o nó é desatado. Mas não entrega aos negros o *raminho*, o que impede que seus elementos contraditórios se transformem numa *aporia*. Desse modo, São Pedro e São João, ao resolver simbolicamente a contradição, “retém qualquer coisa da dualidade que tem por função superar. Donde seu caráter ambíguo e equívoco” (Lévi-Strauss, 1970, p.249). O cordão surge, portanto, como terceiro elemento, mediador da contradição anterior que, por intermédio de São Pedro e São João, soluciona o conflito promovendo a paz e a reconciliação.

### **Marechal**

Apesar da reconciliação, da “resolução da contradição”, ficaram marcas profundas, muito sangue foi derramado, o que não poderá ser esquecido e que tão pouco foi de todo superado. Por isso, é preciso informar a todos sobre o ocorrido, recorrer às autoridades e realeza negras, ter estratégias de guerra, *expertise* de guerreiro. O caráter belicoso e beligerante dos congos deve aqui ser ressaltado, bem como o mar, elemento simbólico tanto da diáspora africana quanto da *travessia* na qual o congado é agente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O capitão do batalhão, na qualidade de embaixador do grupo, é aquele que representa seu povo frente ao reino estranho e ao sagrado desconhecido do além-mar. Não fala em benefício próprio, mas por todos os negros dessa América sofrida, donde a redenção é o seu dever. Está investido do caráter de luta, usou sua espada, feriu seus braços, perdeu companheiros... Mas, enquanto o flagelo do negro persistir, jamais irá esmorecer diante da luta.

### **Consagração da Santa**

Houve guerras, sangue, baixas e sacrifícios, mas a Santa, ao tomar partido dos negros, os cativou como fiéis escudeiros, por isso é adorada e escoltada pelos mais nobres e destemidos negros soldados marinheiros.

### **Saudação à Comunidade de Fé**

Como desfecho, o Capitão, ressaltando sua condição de simples devoto, de apenas mais um servo do sagrado, saúda toda a comunidade do rosário, que compartilha com ele esse caminho de devoção e de fé, adorando e dando vivas à Santa Helena!

Santa Helena, não é tarde lembrar, é considerada entre seus devotos como a principal responsável pela conversão dos romanos ao catolicismo, religião até então subjugada pelo Estado Romano. Ela é vista pelos congadeiros como protetora de todos os que foram perseguidos e crucificados, como nos relata outras embaixadas tradicionais da festa de Santa Helena:

Ó gloriosa Santa Helena, Rainha de Roma, mãe do grande Rei Constantino do Império Romano. Vós, ó Santa Helena, que converteu ao cristianismo para servir a Jesus por toda a sua vida. Viveste numa época de guerra e de perseguição religiosa aos cristãos. Com amor e Jesus no coração, caminhaste, caminhaste para Terra Santa, onde foi descobrir a Santa Cruz de Jesus, que há muitos séculos e muitos séculos estava desaparecida. Ó Santa Helena! Fizeste escavações no santo sepulcro e desenterrou-se a Cruz do Redentor. Levaste para Roma a Santa Cruz e colocaste a Cruz na Nova Igreja, onde é adorada pelos cristãos do mundo inteiro. Levou o culto da adoração do Oriente ao Ocidente, onde glorificais o santo nome de Jesus, o Salvador e Redentor de toda a humanidade. Por isso adentrou no paraíso, para gozar por toda a sua eternidade. Com ela vamos marinheiros! (Embaixada proferida na Festa de Santa Helena em 2003).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

#### 4-Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mario de. 1982a. “Danças Dramáticas do Brasil” In; *Danças Dramáticas do Brasil-1o Tomo*. ED. Itatiaia, Belo Horizonte, 2a edição.

\_\_\_\_\_. 1982b. “Os Congos” In; *Danças Dramáticas do Brasil-2o Tomo*. ED. Itatiaia, Belo Horizonte, 2a to. Edição.

CAILLOIS, Roger. 1988. *O Homem e o Sagrado*. Editora Perspectiva.

CARNEIRO, Edison. 1965. *Dinâmica do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, ED. Civilização Brasileira S.A.,.

CARVALHO, José Jorge. 2001. *A Religião Como Sistema Simbólico. Uma Atualização Teórica*. Revista Fragmentos de Cultura, V.11, n.1, Goiânia.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1978. *Literatura Oral no Brasil*. ED. Itatiaia, Belo Horizonte. 3A edição.

\_\_\_\_\_. 1972. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. ED. Itatiaia, Belo Horizonte. 5A edição.

\_\_\_\_\_. 1962. *Seleção de Luís da Câmara Cascudo*. ED. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro.

CRAPANZANO, Vincent. 1992 *Hermes' Dilemma & Hamlet's Desire. On the epistemology of interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

DURAND, Gilbert. 2001. “O Vocabulário do Simbolismo” In; *A Imaginação Simbólica*. São Paulo, Editora Cultrix.

GEERTZ, Clifford. 1978. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A Interpretação das Culturas*. Zahar Editores: Rio de Janeiro.

LEVI-STRAUSS, Claude. 1967. “A Estrutura dos Mitos”. In *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. “A Gesta de Asdiwal” e “Quatro Mitos Winnebago” In, *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. 1987. “Raca e Historia” In; *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro.

MARTINS, Leda Maria. 1997. *Afrografias da Memória*. Sao Paulo, Editora Perspectiva S.A.

\_\_\_\_\_. 2000. “A oralitura da memoria” In FONSECA, Maria Nazareth Soares (org): *Brasil Afro-brasileiro*. Autentica, Belo Horizonte.

MARTINS, Saul. 1986. “Mês do Rosário” In; *Folclore: Teoria e Método*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

\_\_\_\_\_ 1991. *Folclore em Minas Gerais*. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 3ª edição.

MELLO E SOUZA, Marina. 2002. *Reis Negros no Brasil Escravista – História da Festa de Coroação de Reis Congo*. ED. da UFMG, Belo Horizonte.

PEREZ, Léa Freitas. 2002. “Antropologia das Efervescências Coletivas” In; *A Festa na Vida*. Org. Mauro Passos. Petrópolis, Editora Vozes.

PERLONGUER, Nestor. 1987. “Introdução”. In: *O negócio do michê. A prostituição viril em São Paulo*. Ed. Brasiliense: São Paulo.

RODRIGUES, Neidson. 1980. “Introdução e Cap. I”. In: *Ciência & Linguagem. Uma introdução ao pensamento de Saussure*. Achiamé: Rio de Janeiro.

SEGATO, Rita Laura. 1992. *Um paradoxo do relativismo: discurso racional da antropologia frente ao sagrado*. Revista Religião e Sociedade 16/1-2, Rio de Janeiro.

SAUSSURE, Ferdinand. 1970. *Curso de Linguística Geral*. ED. CultrixLtda, São Paulo.

TURNER, Victor. 2005. *A Floresta de Símbolos*. Rio de Janeiro. EdUFF.